



16:40:37 30-07-2016

RECORDAÇÕES DA GUERRA COLONIAL EM MOÇAMBIQUE NO "NORDESTE DO NIASSA "LUNHO"



Dia 29 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 1973

(43 Anos passados)

Passaram-se muitos anos a recordação daquele dia 29 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 1973 esteve sempre embora algo difusa em alguns pormenores que o tempo levou consigo como recordação.

Este foi um tempo estacionário sem horizontes vivido dia após dia pela incerteza e a ansiedade resultante da imprevisibilidade das diversas situações em acções de guerrilha no interior de Africa. Num aquartelamento improvisado onde tudo era rudimentar onde quase tudo faltava e onde tudo teria de ser feito melhorando sucessivamente as instalações tendo em vista a segurança daquele reduto para uma estadia que poderia ser prolongada e onde para além de tudo teria de se manter uma actividade operacional regular. Recordo quando vi aquele local! Olhei as viaturas carregadas de militares novinhos em folha acabados de chegar da Metrópole era a C.CAÇ.4141 os gaviões que iam povoar as densas e muito perigosas matas do "LUNHO" deslumbrados por se sentirem envolvidos pela natureza



Africana. Os nossos rostos deixavam transparecer um misto de medo e receio do desconhecido. Concentrados na observação do meio envolvente alimentando o nosso imaginário onde tudo seria possível desde os ataques do inimigo até às investidas das feras camufladas no meio da vegetação ao longo das picadas que nos

conduziam àquele local o "LUNHO". A coluna militar aproximava-se lentamente e foi então que vislumbrei no meio da confusão das viaturas e do pó que nos envolvia aquela clareira rodeada de vegetação com uma construção rudimentar em chapas de zinco e outras em construção artesanal em blocos de cimento e tijolos dentro de um perímetro demarcado por uma vedação de valas e com três arames farpados de fácil acesso a qualquer intruso. Naquele momento tive uma sensação de apatia total apeteceu-me retroceder mas nesse desalento algo renasceu em mim que me

impediu a enfrentar e ultrapassar esta prova de fogo como um desafio às minhas capacidades físicas e intelectuais.

Desde o momento da mobilização sempre julguei estar preparado psicologicamente e operacionalmente para as mais diversas situações não só pela formação e preparação recebida como também pelo empenhamento que assumi ser fundamental para enfrentar as dificuldades num meio hostil e desconhecido. Muito antes de ser chamado a cumprir o serviço militar obrigatório tive a consciência que iria viver esta guerra por dentro e não através dos jornais. Foi assim com esta "bagagem" que entrei na recruta no Regimento de Infantaria N.º 13 em Vila Real de Trás os Montes (1.º turno) no dia 17 de Janeiro de 1972 tendo escolhido a especialidade de corneteiro no Regimento de Infantaria N.º 2 em Abrantes onde fui mobilizado para Moçambique.

Com o decorrer do tempo aquele local o "LUNHO" passou a ser o centro do mundo e a casa daqueles que durante 17 longos meses aguentaram a incerteza do dia seguinte a impossibilidade de pensar o futuro. Transformamos as tristezas em



alegrias no meio da amizade e camaradagem. Ali festejei aniversários natalis de toda a família. Recordo ainda aquelas noites de isolamento total com uma orquestra de ruídos e sonorização de intensidades diferentes que me obrigava a dormir com um olho

aberto e a minha arma G3 encostada ao meu corpo. Não era fácil adormecer e muitas vezes ficava a usufruir da escuridão da noite com os olhos fechados durante algum tempo e ao abri-los ficar com a sensação de vertigem daquele céu cravado de estrelas que se tornavam ainda mais luminoso e parecia desabar sobre todos nós. O andamento cadenciado e o peso da G3 macerando o meu ombro o cansaço a transpiração a despontar no meu corpo à medida que avançava o tempo a caminho de uma emboscada sempre prevista mas nunca desejada. Na manhã do terceiro dia antes de romper o sol ingeri alguns alimentos e entretanto foram feitas algumas recomendações a todos nós para que fossemos atentos se possível em silêncio

mantendo as distâncias nos tendo sido alertado para um possível contacto com os guerrilheiros da Frelimo dado as situações anteriormente verificadas.



Iniciamos o regresso ao nosso aquartelamento do "LUNHO" sentia ao caminhar a humidade das ervas e o capim que persistentemente roçavam pelas minhas pernas encharcando as calças e botas e que rapidamente secavam aos primeiros raios de sol que começava a despontar a vegetação. Nos dias anteriores a progressão pelo mato ao longo dos trilhos decorreu normalmente apesar da perseguição dos elementos da guerrilha e de um forte ataque de abelhas e do cansaço

que se fazia sentir não só pela distância já percorrida através de vales e serras com a arma G3 e equipamento como também pelo clima quente e muito húmido com um aroma "acre" e doce que exalava da vegetação. Vigilante caminhava-mos carregando cada um dentro de si alimentando o nosso pensamento com as ausências sempre presente de pais irmãos esposas filhos namoradas e amigos. Outros trocavam as suas histórias e havia quem falava de futebol e também do tempo que no "LUNHO" teimava em não passar. A operação tinha terminado voltamos ao aquartelamento na hora da chegada parecia mais um grande hotel que um bairro de latas os heróis do arame farpado nos receberam com um sorriso e só não deixaram verter lágrimas porque eram homens estas partidas eram senas que comoviam muita gente.

Também recordo o dia 15 de Fevereiro de 1973 quando estive de serviço (vigia) no posto de sentinela junto ao depósito de géneros quando fui surpreendido ao ver a caminhar pela pista de aviação um elemento da guerrilha da Frelimo com a sua arma automática acima da nuca. Esperei a aproximação do alvo era mais um elemento subversivo que voltou do mato para se entregar no aquartelamento do "LUNHO". Esse ser humano além da sua arma que não chegou a utilizar trazia

consigo uma pequena saca em pano com uns miseráveis greiros de arroz e uma colher de pau. Fui entregar ao nosso comandante da companhia Capitão Mil.⁹ António Cardoso que o enviou para Vila Cabral. Passados alguns dias esse elemento da guerrilha voltou ao "LUNHO" para acompanhar os meus camaradas servindo de guia no mato para conseguirem capturar os seus camaradas que ficaram na base mas sem êxito a base se encontrava abandonada. Terminada a operação e de regresso ao aquartelamento do "LUNHO" esse homem de nome "Samuel" me confidenciou que esteve deitado no meio do capim ao fundo da pista de aviação com a sua arma apontada em minha direcção. Se o rebelde prime o gatilho da sua arma era mais um soldado do continente de Portugal que tombava na flor da idade ao serviço da Pátria. Fiz uma reflexão a mim próprio se tudo tivesse acontecido eu não estaria aqui a contar esta triste história. Como escrevo no intróito desta pretensão de crónica trata-se efectivamente de uma sombra de crónica e não de prosa de ficção.

